



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

EKOBÉ

Yohanne Auana Domingues de Resende

12/0154056

Brasília
Junho de 2017

“EKOBE”

YOHANNE AUANA DOMINGUES DE RESENDE

Memória do projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Audiovisual, sob orientação da professora Susana Madeira Dobal Jordan.

Brasília
Junho de 2017

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

EKOBÉ

Projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Audiovisual

Orientadora: Prof^a Dr^a Susana Madeira Dobal Jordan

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Susana Madeira Dobal Jordan
Orientadora

Professor Doutor João Luiz Homem de Carvalho
Membro 1

Professor Doutor Pedro David Russi Duarte
Membro 2

Professor Doutor Gustavo de Castro e Silva
Suplente

Data 16/06/2017

Agradecimentos

Agradeço antes e acima de tudo à essa energia superior que rege tudo o que existe pela minha vida, pelas oportunidades e obstáculos que me presenteou. À minha família, em especial meus pais por toda tolerância, paciência, puxão de orelha, confiança, apoio e amor incondicional. Às irmãs e aos irmãos que a vida me permitiu encontrar, meus amados amigos, que trilham comigo caminhos dessa vida e de outras, um agradecimento especial à equipe deste projeto: Lucas Cândia e Thiago Maia. Agradeço imensamente à Andrea Zimmermann, Fábio França, Mônica Carapeços e Sérgio Pamplona por me apresentarem com tanta maestria o maravilhoso mundo da permacultura no PDC em 2015 e por aceitarem participar deste projeto. Agradeço à Professora Susana Dobal por não desistir de mim.

Agradeço ao Universo por absolutamente tudo em minha vida. Agradeço ao Amor.

RESUMO

Este projeto final de conclusão de curso busca, através da plataforma do webdocumentário tornar mais acessível e de forma diferente da habitual os conhecimentos da Permacultura, bem como aprofundar na sua potencialidade enquanto ferramenta de empoderamento pessoal e transformação social. Trazendo reflexões sobre a interação da sociedade atual com a Natureza e consigo mesmo. O formato de webdocumentário foi escolhido devido a sua facilidade de acesso e divulgação. Ele pode ser acessado no seguinte endereço: <https://yohauana.wixsite.com/ekobe>

Palavras-chave: permacultura; webdocumentário; empoderamento pessoal; transformação social.

SUMÁRIO

I.	ABERTURA_____	7
II.	JUSTIFICATIVA_____	10
III.	PROBLEMA DE PESQUISA_____	12
IV.	OBJETIVOS_____	14
V.	REFERENCIAL TEÓRICO_____	15
VI.	METODOLOGIA_____	21
VII.	DEFINIÇÃO E ESPOSIÇÃO DA ESTRUTURA DO WEBDOCUMENTÁRIO_____	25
VIII.	CONSIDERAÇÕES FINAIS_____	30
IX.	BIBLIOGRAFIA_____	32

I - ABERTURA

Ekobé significa “viver” em Tupinambá, referência feita à comunidade indígena que, por volta do século XVI, habitava as regiões costeiras da Bahia. Esta conexão é posta a fim de honrar os povos de conhecimento ancestral que são a base para a visão holística de vida difundida pela permacultura, a qual está intrinsecamente relacionada com a proposta deste produto.

A história da humanidade começa como a de qualquer outra espécie animal: vive em harmonia e equilíbrio com o meio que habita agindo sobre ele de forma natural e simples. Contudo, há cerca de 10.000 anos, o surgimento de uma prática específica mudou o rumo de nossa história: nascia a agricultura. O homem, que era nômade, adquiria mais independência e autonomia diante de alguns elementos. Ilusoriamente passou a acreditar que tinha pleno domínio das condições naturais e começou a se posicionar acima das outras espécies, como sendo o centro da vida.

Paradoxalmente esta criatura constrói cercas, milita guerras, sente fome e sofre doenças que ele mesmo gerou por sua forma de viver. São inegáveis os avanços que sua cognição conseguiu atingir, mas ao permitir que milhões de semelhantes (e não tão semelhantes) morram de fome, doenças facilmente curáveis e violência, fica claro que sua inteligência não foi plenamente direcionada para benefício geral dos seres.

Esse tipo de comportamento de domínio e exploração abusivos da Natureza¹ como um todo, desde recursos energéticos e naturais até os próprios seres humanos, desenvolveu-se de tal forma, sob o pretexto de progresso científico e econômico, que chega na cultura industrial atingindo um ápice global de população e uso de energia².

Um estudo da ONG de atuação ambiental WWF traz algumas noções sobre a situação atual de nosso planeta:

Nosso *crescimento* econômico *excessivo* choca-se com os limites da finitude da biosfera. A capacidade de regeneração da Terra já não consegue acompanhar a demanda: o homem transforma os recursos em resíduos mais rápido do que a natureza consegue transformar esses resíduos em novos recursos.

Estudos sobre a saúde dos ecossistemas mostram que desde 1970 estamos deteriorando os ecossistemas naturais a um ritmo nunca visto na história da humanidade. A biodiversidade também sofre sempre que a produtividade da biosfera

¹ Natureza é apresentada com letra maiúscula em sinal de respeito à magnitude divina que Ela representa para mim. Mais detalhes no item **II - Justificativa**.

² Isso não está fazendo sentido: se for um livro, cite corretamente, veja as normas da ABNT. Holmgren em Permacultura – Princípios e caminhos além da sustentabilidade apresenta um gráfico de dinâmica cultural e econômica de larga escala baseada em combustíveis fósseis e aponta que essa relação global atual é de um clímax caótico e de uma transição do conhecimento para o declínio populacional e energético.

não consegue acompanhar o consumo humano e sua produção de resíduos. (WWF, 2006, p.2)

Apesar do cenário caótico e desanimador pelo qual somos todos responsáveis (e aqui faço uma ressalva para a consciência da responsabilidade pessoal enquanto elemento desencadeador de efeitos sociais) temos de criar, reconhecer, desenvolver e aprofundar alternativas e soluções para essa situação difícil com confiança e determinação, trabalhando para uma perspectiva mais otimista.

A partir dessa problemática surgem propostas mais específicas partindo de estudos sobre as relações entre o homem e a biosfera e, em especial, interações sustentáveis, equilibradas e harmônicas com o meio ambiente. Somando-se a essas propostas uma visão de mundo holística³ e sistêmica⁴, temos hoje uma vivência singular de reação sobre as estruturas que moldam nossa vida, a partir de reavaliações e ressignificações das mesmas: a Permacultura. Esta experiência vai além da sustentabilidade, fazendo uso das ferramentas de princípios e sistemas de design⁵ a fim de desenvolver alternativas de atuação no mundo mais equilibradas. Ela pode ser abreviadamente entendida como um conjunto de técnicas norteado por princípios éticos de cuidado com o planeta, com as pessoas e redistribuição dos excedentes. A compilação de seus fundamentos foi realizada por Bill Mollison e cofundada⁶ por David Holmgren no livro *Permaculture One*⁷, em 1978, mas por ser extremamente dinâmica e maleável, a permacultura não aceita uma única definição.

Diante de tal contexto, este projeto deseja apresentar, a partir de conversas com alguns sítios permaculturais do DF, observações acerca da faculdade de transformação e empoderamento pessoal/social que a Permacultura suscita através de alternativas que buscam viver e conviver em harmonia com o meio, exibindo brevemente seus conceitos básicos e aprofundando na reflexão do seu caráter propulsor de transmutação na vida de quem se envolve com a prática. Tendo em mente a importância desses conhecimentos e visando sua

3 As raízes da ideia de Holismo se apresentam desde Aristóteles mas foi em 1926 que Jan Smuts em seu livro *Holism and Evolution* definiu a ideia como “A tendência da Natureza a formar, através da evolução criativa, “todos” que são maiores do que a soma das partes.” (SMUTS, p. 331). Trata-se de uma visão de mundo que se opõe ao pensamento cartesiano, dual e reducionista, e interliga todos os fenômenos, desde os físicos até os culturais, assumindo o mundo enquanto organismo integrado.

4 A abordagem sistêmica firma-se nos princípios básicos de organização, é um pensamento de processo, de desenvolvimento e não de uma estrutura fechada e acabada em si, as propriedades de seu todo não podem ser reduzidas a fragmentos menores.

5 Na Permacultura, design é uma lógica de planejamento para projetar ambientes e ocupações sustentáveis.

6 Este termo é usado para especificar a contribuição de Holmgren, fundador do conceito junto a Bill Mollison e que, por 25 anos, desenvolveu uma linhagem histórica da evolução pessoal, da aplicação e explicação dos conceitos de Permacultura previamente elaborados.

7 B. Mollison & D. Holmgren, *Permaculture One*. Australia, Transworld Publishers Pty Ltd. 1978.

maior abrangência e disseminação, o projeto vai expor esses estudos e exercer uma troca de saberes através da interação que a plataforma do webdocumentário permite.

Webdocumentário consiste num documentário baseado na internet, possui uma interface que estimula a expressão muito mais por mídias diferentes - misturando imagens, vídeos, sons, gráficos, animações e navegação semelhante a RPGs - do que por texto e permite que uma reflexão linear seja remodelada e desenvolvida de forma não-linear. Segundo Tzonis⁸ (2011) “O webdocumentário acredita firmemente em conectar e reunir comunidades universalmente. (...) Um modo de adicionar um tipo de rica interação social em volta desses produtos desenvolvidos na web”^{*}.

Nessa plataforma, portanto, o usuário tem realmente o poder de agir sobre o produto, seja clicando em algum link, revolvendo o conteúdo ou adicionando arquivos, enfim, criando um conjunto de relações que estruturam um espaço no qual as partes são interdependentes e vinculadas.

Partindo do princípio de que a proposta oferece meios para participar, moldar e ser moldado, esse tipo de plataforma é, portanto, um meio para construir e vivenciar o real ao invés de “apenas” representá-lo – a ideia de vivenciar é perfeita para o concepção deste produto pois o modelo de captação, navegação e difusão é uma possibilidade de se relacionar com a realidade e criar modelos de subjetividade tanto da parte de quem produz o webdocumentário como de quem se expõe por meio dele ou interage com o produto.

A ferramenta permite também que além da retratação da realidade de interesse de quem inicialmente filma, este possa ainda escolher o meio como faz isso, como interage com essa realidade, mediando filmagem e edição, além de eventuais textos; essas características influenciam consideravelmente em como construímos conhecimentos e crenças a partir dessa perspectiva. Há ainda a vantagem de o webdocumentário permitir a difusão na internet do conhecimento adquirido com o projeto, o que facilita consideravelmente a circulação deste trabalho final. O produto realizado pode assim, potencialmente, ter utilidade pública e eventualmente transformar a pesquisa realizada em algo que tenha algum impacto social e cultural.

⁸ Empreendedor em estratégias digitais.

* Tradução livre.

II – JUSTIFICATIVA

A origem deste produto final de curso surge no final de 2015, quando, ao finalizar o curso extracurricular Educação Gaia – Design em Sustentabilidade, percebi que a crise de graduação que vivenciara até então poderia ter um final mais bem-sucedido. Foi quando comecei a refletir como o audiovisual me habilitara de ferramentas para semear, com o respaldo criativo enquanto artista, tantos conhecimentos, experiências e reflexões quanto desejar. Dentre o infinito leque de possibilidades que a vida nos oferta para experienciar, escolhi a de investigar mais profundamente a permacultura, não enquanto um simples sistema de design que poderia ser definido a fim de facilitar o entendimento de quem lê este memorial - até porque a provocação aqui é que se vivencie a experiência permacultural - e também porque ela não se limita a uma só definição para que seja apresentada assim tão simploriamente mas enquanto um design holístico, uma ciência integral atribuída de princípios, valores e práticas que empoderam o indivíduo e transformam o meio. Ou seja, a permacultura vai além do seus próprios conceitos e definições, ela tange toda a complexidade da vida, desde o cuidado com o solo até o cuidado com a mente e o espiritual.

Desde antes do aprofundamento em pesquisas sobre o tema, as experiências que tive com a permacultura já me sensibilizavam em pontos que os textos reforçaram: a reconexão, o respeito e a aprendizagem com a Natureza. Aqui trago uma melhor explanação do porque Ela deve ser representada de forma particular: em meio aos vários presentes que a vida me deu, a Ayahuasca, em especial, transmutou minha visão e modo de viver, apresentando-me a Natureza como grande e primeira mestra, como a própria manifestação do Divino. Avalio de extrema importância essa explicação pois, pessoalmente, acredito que a dimensão espiritual se faz presente em todos os momentos da vida e que sem ela este produto, inclusive, jamais teria sido concebido.

Poder-se-ia questionar então que o tema a ser tratado aqui fosse “espiritualidade e natureza”, por exemplo, e eu até diria que sim mas o ponto é que a permacultura é dotada de elementos que indireta e vagarosamente nos levam a desempenhar um sistema de valores mais holístico através de princípios éticos e de design. Isso ocorre a partir das transformações culturais que essa filosofia ambiental suscita mesmo que ela não se apresente com qualquer prescrição espiritual, caso isso seja um temor de algum cético.

[...] tenho orgulho de minha formação ateísta, [...] uma moldura ética para um mundo racional; mas também aceito que, por meio do projeto da permacultura,

minha vida vai pouco a pouco sendo levada para algum tipo de perspectiva e consciência espiritual que ainda não está clara. (HOMGREN p.54)

Assim, ao perceber o impacto das ideias e ferramentas da permacultura nas pessoas, surge o anseio de pensar sobre essa relação e estender suas reflexões especialmente na academia, visto que a temática da sustentabilidade é bem desconsiderada neste meio, mas também espalhar essas considerações e possibilidades pra comunidade através da ampla abrangência da internet.

Profundamente, dentro de mim, tenho buscado praticar ações que tragam benefícios a todos os seres, sem dúvidas de que busco um sucesso definitivo, é um exercício contínuo de vida. Senti que o tema abordado e as ramificações que ele assume e possibilita podem indubitavelmente transformar a vida de quem a acolhe, de quem se aprofunda, aqui trago apenas “prefácios” de toda uma complexa teia que está se desenvolvendo a partir da desconstrução de **muito** que construímos. Nos estudos budistas e yogis, há um termo que explana a sensação interior que nos traz uma fiel identificação com um propósito de vida, chama-se Dharma e, embora seja considerado algo inenarrável, encontram-se inúmeras definições, ou tentativas de, ilustrações e compreensões, dentre elas segue uma que ampara o que acredito é “*That which elevates one is Dharma*”⁹.

Dito isso, creio que considerar que as reflexões trazidas nesse produto possam trazer benefícios aos seres já se faz uma rica justificativa.

* “Aquilo que eleva é o Darma” tradução livre.

⁹ Swami Sivananda, também chamado de Shivananda, foi médico e líder espiritual hindu que viveu entre 1887 e 1936, praticante assíduo de yoga e meditação.

III – PROBLEMA DE PESQUISA

Até longa data da graduação, elegei um tema para penetrar que me interessasse profundamente e que sentisse que de alguma forma pudesse ser relevante para academia e comunidade foi um grande desafio, especialmente diante às crises de identificação com o curso. Fora do currículo de comunicação social - mais especificamente audiovisual - sentia-me cada vez mais atraída pelas questões ecológicas e sustentáveis até o ponto que tive contato com a permacultura e comecei a vislumbrar seu casamento com as ferramentas que o curso me equipou. Com o leque de instrumentos do audiovisual e a amplidão do tema escolhido, não só uma mas várias possibilidades de pesquisa surgiram.

Eis que outro obstáculo surge: a definição da pesquisa. A permacultura tem sua base no pensamento sistêmico-holístico – muitas vezes esses termos são expostos como sinônimos a diferença é essencialmente terminológica (CAPRA, 1992) – ele contrapõe o pensamento cartesiano-reducionista à medida que observa a reciprocidade, a inter-relação dos elementos, dos eventos abordados, suas trocas objetivas ou subjetivas e não cada elemento separadamente. Trata-se de uma abordagem de mundo que busca entender as partes dentro do todo e não de maneira individual e fragmentada, exercitando a interdisciplinaridade – que, assim como a interdimensionalidade, é um forte aspecto da permacultura. O pensamento sistêmico surge por volta do século XX (ainda que com grande vínculo com o Holismo de Aristóteles): grandes pensadores que abordam o tema são, por exemplo, Fritjof Capra e Ludwig Von Bertalanfy. Não é pretensão dessa linha de pensamento negar o raciocínio cartesiano mas acredita-se que ele não é capaz de explicar todas as dimensões do ser humano. Propõe-se, então, que haja uma complementação dessas vertentes.

A permacultura, portanto, atribui as qualidades do pensamento sistêmico, entre elas a de que ele é entendido como um processo – algo em movimento, dinâmico – o que tolhe sua definição fechada e bem delimitada. Nem mesmo o co-fundador do conceito, David Holmgren, quer definir e controlá-la. Esse fator gerou assim um conflito logo no princípio do projeto: sempre sentia que faltavam meios pra explicar exatamente do que se trata pois acredito que seja um conhecimento adquirido, de fato, pela experiência, uma prática vivencial. Esse ponto entra em forte contradição com os ditames da academia, visto que esta não só firma que o objeto da pesquisa seja precisamente apresentado como *requer que cada ideia e conceito tenham referência em fontes publicadas (...), tratando-se portanto de uma educação baseada em conhecimento de fontes secundárias interpretadas por arcabouços de*

compreensão existentes [ver nota]¹⁰. A solução para o impasse foi mergulhar nele, não só aceitando a peculiaridade conceitual do tema como usá-la a favor do trabalho: explorando, assim, as variadas possibilidades que a permacultura assume.

Assim sendo, o projeto tem a missão de conseguir transpor as noções do tema de uma forma não linear, fazendo uso combinado de mídias que dão autonomia na navegação de quem acessa o webdocumentário, permitindo que o usuário seja introduzido ao tema, com apresentação de ideias gerais e em seguida aprofunde na reflexão sobre a permacultura enquanto ferramenta de empoderamento pessoal e transformação social. O curso pode também se dar em outro sentido, o usuário pode, por exemplo, acessar as reflexões dos facilitadores e, ficando curioso sobre que ideia abordada, viajar pelas outras abas que trazem explicações mais objetivas.

¹⁰ HOLMGREN; David. **Permacultura: Princípios e caminhos para além da sustentabilidade**. Via Sapiens, 2013. p. 76.

IV – OBJETIVOS

IV.I – OBJETIVO GERAL

Realizar um webdoc que torne mais acessível o conhecimento da permacultura, que se define por oferecer outras possibilidades de interação com o meio ambiente na contemporaneidade e aprofundar em reflexões acerca de sua influência nas dimensões pessoais e sociais de quem a acolhe.

IV.II – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Encontrar uma maneira de explicar a permacultura por meio das ferramentas midiáticas, exercitando uma explanação mais lúdica e experimental;
- Tornar as reflexões sobre a permacultura mais acessíveis por meio da internet;
- Difundir um tema pouco abordado na mídia cuja relevância está além da possibilidade atuações no mundo mais alternativas e sustentáveis e que são válidas para o cidadão de uma maneira geral bem como para quem se preocupa com o uso responsável dos recursos naturais;
- Sugerir aos profissionais da área uma reflexão mais aprofundada sobre as estruturas invisíveis da permacultura e seus efeitos mais sutis;
- Refletir sobre as possibilidades tecnológicas oferecidas pelo webdocumentário e pensar soluções para o melhor uso dessa plataforma multimídia;
- Utilizar o webdocumentário como um instrumento de comunicação próprio da contemporaneidade para discutir uma temática pouco difundida.

V – REFERENCIAL TEÓRICO

Antes mesmo de citar qualquer crise ambiental, financeira, política e, conseqüentemente, social que contextualize o cenário atual, o qual se assemelha ao contexto histórico da década de 70 – quando surgiu a permacultura –, é importante fazer uma ressalva à crise de consciência que desde aquele tempo mostrou de forma bem clara a insatisfação de um número relevante de pessoas – como os movimentos hippie e contracultural em diferentes lugares do mundo despontando intensamente – que começou a observar de forma mais crítica tantos padrões obsoletos e normas velhas sendo impostas e passou a contestar todo o conflito, a miséria, a violência, a brutalidade e a competição da sociedade, reflexos da mente humana, de suas ações que moldam a sociedade.

No período referente à primeira grande crise do petróleo, aos vários regimes ditatoriais instalados ao redor do mundo – especialmente na América Latina – e às crises políticas atizadas pela guerra fria, culminando em guerras civis – principalmente na África –, havia pessoas sedentas por ideias progressistas que fossem pautadas no desenvolvimento do bem-estar social e consciência ambiental, que expressavam tanto seus anseios quanto suas indignações de forma artística¹¹ e até mesmo científica¹². Ainda sob forte repercussão da geração *beatnik*¹³ e do movimento *hippie*¹⁴, a contracultura e, claro, as inúmeras pessoas que não precisam se identificar e firmar a um movimento para reivindicar mudanças que acreditam ser necessárias, concentravam-se cada vez mais em criar um novo tipo de mundo que almejavam invés de pelejar contra aquele com o qual não se identificavam mais.

Por volta da década de 60, o movimento ambientalista tomava força, especialmente nos Estados Unidos, após a publicação do livro “Primavera Silenciosa” de Rachel Carson¹⁵ que foi um marco na chamada revolução ecológica pois neste livro a autora faz um apanhado geral da situação ambiental dos Estados Unidos na época – embora seja um tema pertinente à toda e

¹¹ Um grande número de artistas – músicos, *performers*, cineastas, pintores – protestou através da arte como Pink Floyd, Gilberto Gil, Janis Joplin, Chico Buarque, The Beatles, Gal Costa...

¹² Filósofos, físicos e ativistas como Amit Goswami, Fritjof Capra, Vandana Shiva, Terrence McKenna e Kishnamurti (até mesmo Einstein já insinuava conexões entre Deus – natureza – ciência) apresentam maneiras originais e inovadoras para o conservadorismo da época – e ainda atual.

¹³ Geração norte-americana de poetas e escritores que nos anos 50 e início dos anos 60 pregavam a criatividade e o anticonformismo, considerado embrião do movimento *hippie*.

¹⁴ Famoso movimento coletivo que teve seu auge no fim da década de 60, início de 70; discutia questões ambientais, militares, governamentais, econômicas e, claro, artísticas.

¹⁵ Prodigiosa cientista, tida como a mãe dos ambientalistas. Em 2006 encabeçou a lista de 100 pessoas que mais contribuíram para a defesa do meio ambiente em todos os tempos, segundo jornal britânico *The Guardian*.

qualquer parte do mundo –, salientando a contaminação provocada por agrotóxicos¹⁶ e abordando também tópicos como a radiação solar, pesticidas, DDT¹⁷, ironias da sociedade, o processo civilizatório e o futuro. Livro e autora clamavam por políticas que zelassem pela vida humana e pelo meio ambiente. Este foi um primeiro grande marco nas reflexões reconhecidas sobre o tema de cuidado com a natureza – pessoalmente considero confuso e lamentável como, em geral, as pessoas não consideram que esse cuidado com a natureza é um cuidado de si mesmo, da humanidade; como há uma desconexão do *homo sapiens-sapiens* (que antes disso é um mamífero assim como o tamanduá, por exemplo) com o meio.

Outro grande evento que trouxe mais visibilidade pra causa ambiental foi a publicação do relatório *Limits to Growth* (Limites para o Crescimento) publicado por Dana Meadows¹⁸ em conjunto a outros cientistas em meados de 1972, no *think tank*¹⁹ internacional Clube de Roma²⁰. O livro traz um profundo exame das inter-relações de sociedade, administração, capital, reservas, agricultura e tendências político-sociais, concluindo em análises alarmistas sobre a condução humana na terra e propondo adoção de medidas que possam evitar situações catastróficas.

Um novo modo de ver o mundo, enquanto ser vivo, autorregulador surge com a Hipótese Gaia²¹ de James Lovelock²², um estudo de ecologia profunda em que a forma de enxergar a Terra enquanto ser passivo às ameaças – movidas principalmente pelo homem – a sua existência é totalmente transmutado para uma abordagem do planeta como um sistema complexo e consciente. Este novo paradigma trouxe desafios dramáticos aos cientistas, políticos, ambientalistas, enfim, é um tema que tange toda a humanidade.

Mais ou menos na época em que Lévi-Strauss²³ chama de “ciência do concreto” todos os saberes sobre a natureza, por volta de 1962, a etnociência e a ecologia cultural se aprofundavam nos estudos do “*saber-fazer*” e do “*bom uso*” por parte dos povos tradicionais.

¹⁶ Uma constatação alarmante: desde a época do livro de Carson fala-se sobre o aspecto maligno e danoso dos agrotóxicos e hoje o Brasil é considerado o maior consumidor desses venenos.

¹⁷ Dicloro-difenil-tricloro-etano é um inseticida com efeitos devastadores no homem e que foi posto a uso civil.

¹⁸ Donella “Dana” Meadows é uma das mais influentes pensadoras ambientais do século, principal autora de *Limits to Growth* (1972) que vendeu 9 milhões de cópias; Ph.D. de biofísica em Harvard, possui um nobre legado no campo das ciências ambientais.

¹⁹ *Think tank* são associações que atuam a partir de grupos de interesses desenvolvendo e divulgando estudos de assuntos que promovam enfim transformações sociais.

²⁰ É uma organização de cientistas, empresários, economistas, ex-chefes de estado e funcionários públicos que coordena pesquisas, debates e encontros, sistema e holisticamente, sobre entendimento dos desafios globais da humanidade.

²¹ O nome faz referência à titã grega arquétipo da Terra, Gaia. Hoje a hipótese virou Teoria Gaia pois comprovou várias de suas previsões e conquistou bases matemáticas, sendo reconhecida pela ciência.

²² Pesquisador, cientista e inventor inglês, atuou categoricamente no campo do ambientalismo, recebendo merecido reconhecimento.

²³ Antropólogo, filósofo e professor belga; considerado o pai da antropologia estruturalista.

A etnociência concentra-se mais na perspectiva intelectual a partir de “etnos”, os povos em si; a ecologia cultural observa mais especificamente os contextos de adaptação; ambas as vertentes de estudo assumem maior visibilidade a partir dos estudos de desenvolvimento sustentável²⁴ [VER nota]. A “ciência do concreto” é, em resumo, um estudo intelectual sobre a visão de mundo, usos rituais e simbólicos da natureza por parte das comunidades tradicionais.

“Nas últimas décadas desenvolveram-se bem mais as pesquisas sobre os chamados “povos tradicionais”, numa perspectiva interdisciplinar, construindo assim interfaces entre as ciências sociais e as ciências da natureza. Mais recentemente, a partir dos anos 80, têm sido valorizados os saberes sobre a natureza de grupos indígenas e comunidades tradicionais, mas com uma orientação bem nítida, proveniente do debate sobre preservação de ecossistemas e biodiversidade. Reconhecem-se esses saberes e as formas de manejo a eles pertinentes como fundamentais na preservação da biodiversidade. Tornou-se extremamente importante, para intervir na crise ecológica, conhecer práticas e representações de diferentes grupos, pois eles conseguiram, ao longo do tempo, elaborar um profundo conhecimento sobre os ecossistemas, conhecimento que lhes garantiu até hoje a reprodução de seu sistema social e cultural”. (CASTRO, 2000. P. 165)

É neste contexto de ondas de soluções ecológicas modernas que impulsionam a relevância de energias renováveis, agricultura sustentável, design ecológico de espaços urbanos e rurais, resgate de conhecimentos de sociedades ancestrais e estilos de vida mais simples que a permacultura eclode. Influenciada pelos movimentos de autossuficiência, vida em comunidade, energias alternativas e agricultura orgânica, ela surge como uma prática educacional fora da academia e seus conceitos direcionam permacultores, designers, professores, ativistas e praticantes à uma vivência de baixo consumo energético, uma cultura sustentável.

Baseada em princípios éticos e de design, a permacultura suscita uma outra forma de se relacionar com a natureza, com os resíduos, com as pessoas e especialmente consigo. Há um movimento de desaceleração que permite a observação do espaço e suas atribuições, a partir disso padrões passam a ser analisados e os objetivos de quem quer agir neste meio devem se moldar, se adaptar às possibilidades que o espaço oferece. Isso não significa dizer que não há alterações no ambiente mas implica que ela são feitas de forma consciente, com

²⁴ A sustentabilidade foi um termo cunhado na década de 70 quando se buscava cuidar do meio ambiente, pensando nas futuras gerações, numa perspectiva de política pública, observando pilares ambientais, econômicos e sociais mas ao longo do tempo o termo foi tão ampliado que terminou por ser simplificado e banalizado.

respeito e de forma que os benefícios para a terra e para quem age nela sejam mútuos, ou seja, trabalha-se com a natureza e não contra ela.

A permacultura assume algumas denominações as quais ao mesmo tempo que se distinguem, se complementam; como ciência de design integrado, holística, espiritual, integral, design holístico, filosofia ambiental... Cada designação, à sua maneira, tenta traduzir essa prática que só faz sentido quando incorporada à vida da pessoa, quando despertamos para a responsabilidade da nossa existência estabelecendo conexão desde a origem do nosso alimento até o potencial da ação de cada um que, covenhamos, não tem limites. Há uma profunda transformação quando se entende que o poder reside dentro de cada um. A fala de Gandhi “Seja você a mudança que quer ver no mundo” nunca foi tão real pois a partir daí há uma profunda observação, análise e resolução perante suas ações, suas capacidades, potencialidades, bem como entendimento de suas limitações.

Partindo dessa percepção pessoal, na qual nos conectamos cada vez mais com nossas reais necessidades essenciais, passamos a refletir sobre a relação com a família, com vizinhos, com a comunidade em que se está inserido, enfim, sobre as relações sociais de maneira geral que são próprias da sociedade. É um movimento semelhante à uma gota d’água que ao penetrar na água serena projeta suas reverberações, ampliando seus efeitos, assim como uma ação permacultural dentro do seu ciclo pessoal pode chegar a ser uma política pública, assumindo uma dimensão macro de influência, por exemplo.

A permacultura encoraja as pessoas a mudarem um pouco a lógica de ‘trabalhar pra viver’ para a de que ‘eu consigo fazer o mínimo para minhas necessidades básicas’ – por exemplo, consigo e posso construir minha própria casa, botando a mão na massa literalmente; planto meu próprio alimento, produzo ou economizo energia –, aplicando esse pensamento ainda às relações com o dinheiro, exercitando o consumo crítico, consciente, a economia solidária... Essas ações trazem o sentimento de poder pessoal pois não há como negar um menor nível de dependência de ter um emprego, de repente, de ser subordinado a alguém ou mesmo do Estado, enquanto e até onde for possível. Essas possibilidades fortalecem muito o indivíduo, promovendo um rompimento, ainda que parcial, com o sistema extremamente cruel que vivemos hoje.

O que nossa civilização precisa é superar a ditadura do modo-de-ser-trabalho-produção-dominância. Ela nos mantém reféns de uma lógica que hoje se mostra destrutiva da Terra e de seus recursos, das relações entre os povos, das interações entre capital e trabalho, de espiritualidade e de nosso sentido de pertença a um destino comum. Libertados dos trabalhos estafantes e desumanizadores, agora feito pelas máquinas automáticas, recuperaríamos o trabalho no seu sentido antropológico originário, como plasmação da

natureza e com atividade criativa, trabalho capaz de realizar o ser humano e de construir sentidos cada vez mais integradores com a dinâmica da natureza. (BOFF, 2011. p. 2)

Tomamos um lugar de escolha em que ponderamos se queremos e vamos continuar a ser vassallos do sistema financeiro e assistir às guerras continuamente, depressões e injustiças pelo mundo enquanto nos distraímos com um entretenimento supérfluo e excessos materialistas; ou, se focamos energia e empenho em mudanças que tenham a real capacidade de apoiar e libertar nós mesmos e os demais, transcendendo esse sistema falido. Mobilizando e educando as pessoas sobre corrupção inerente do nosso sistema mundial atual juntamente com soluções alternativas que declaram os recursos naturais no planeta como bens comuns a todas as pessoas – o que implica dizer que é de responsabilidade de todos também. Isso é um quadro para uma proposta de mudança cultural do mundo em que vivemos, o qual está hoje fundamentado na competição, aplicamos esse espírito de rivalidade a absolutamente tudo, e, inclusive passamos assumi-lo como algo benéfico... Bom, basta observar a situação do mundo agora para comprovar que essa não é uma abordagem tão benéfica assim, muito pelo contrário, eu diria.

A mudança cultural que a permacultura entusiasma faz um resgate da nossa natureza de cooperação, seus princípios éticos (cuidado com a terra, cuidado com as pessoas e partilha justa dos excedentes) já traduzem a grande sutileza e força dessa transformação: cuidar e partilhar é extraordinário, parece pequeno e invisível mas é uma mudança muito profunda em vários níveis da pessoa e de suas relações.

A autonomia adquirida pelas práticas permaculturais não traduzem um isolamento, na verdade ela promove e trabalha muito bem com redes de ajuda mútua, onde se elaboram tramas ainda mais íntegras e potentes. Por isso são amplamente encontrada em ecovilas²⁵, pois esse estilo de vida em comunidade também preza por valores coletivos, laços de amizade, relações pessoais diretas e assume os indivíduos como parte da totalidade, que são prospecções da permacultura. Essas entidades desenvolvem cada vez mais sua autonomia e se mostram como uma alternativa a esta organização social ‘antipessoas, antinatureza e que está estabelecida em um curso de autodestruição’²⁶.

Ainda que em vários momentos a permacultura apresente diversas reflexões para deliberações de problemas ela não traz de fato a resolução mas nos auxilia a pensar sobre e se posicionar diante do cenário de desafios com criatividade. Mas, no fim das contas, a mais

²⁵ São assentamentos humanos sustentáveis rurais ou urbanos em que grupos com valores, visões, missões e objetivos em comum se juntam afim de desenvolver experimentações de laços sociais colaborativos, participação nos processos de governança – governança circular - e práticas ecológicas.

²⁶ Holmgren, p. 273.

efetiva revolução é a da consciência, em que cada um deve eliminar o barulho materialista e divisório a que fomos condicionados a pensar ser verdadeiro.

Enquanto descobrimos, amplificamos não aceitamos as coisas como são mas buscamos entendê-las, ir ao fundo das questões, examiná-las, dar a nós mesmos tudo que possamos apreender. Uma maneira diferente de viver. Mas isso só depende de nós, não depende de professores, nem pupilos, líderes, gurus, salvadores, nem mestres pois cada qual é o professor, o pupilo, o mestre, o guru, cada um é seu próprio líder, é tudo! E entender é transformar o que é.

VI - METODOLOGIA

Em Maio de 1995, a internet começou a funcionar de forma definitiva no Brasil mas embora sua qualidade, cobertura, bem como acessibilidade para seus cidadãos ainda precise ser aprimorada, ela inegavelmente tem abrangência ímpar e tornou o acesso à informações e conhecimentos mais democrático – ainda que teoricamente pelas regulações de acesso à informação do Brasil. Posto isto, é a partir dessa plataforma que este produto se estabelece, pois as considerações aqui propostas almejam elucidar o reconhecimento de alternativas de ação no mundo, principalmente de seus instrumentos relacionais que subvertem a visão de mundo atual, visto que passamos da cultura de preço, competição e escassez para a do apreço, cooperação e abundância.

Ainda que as mídias sejam aclamadas enquanto meios mais rápidos e eficazes de aprendizado, elas são também obstáculos que dificultam relações e vivências mais diretas com o meio através da observação e experimentação, que incentivadas por este projeto. A partir dessa perspectiva de que o tema abordado raramente é tratado nas grandes mídias quiçá nos espaços de educação formal, Holmgren traz o seguinte raciocínio:

“ (...) a educação formal nos níveis mais elevados é focada na ingestão de quantidades maciças de informação dentro dos construtos das disciplinas e culturas separadas (como arte e ciência). Essa educação carece de integração holística com a experiência viva, e seus *insights* e verdades costumam causar pouca impressão nas estruturas subjacentes de entendimento e crenças passadas por meio da criação familiar, da mídia e da cultura popular. Em muitos campos, descobrimos que as soluções para os problemas são conhecidas, mas não são aplicadas devido a uma miríade de razões específicas. O núcleo desses problemas é que o conhecimento que as pessoas parecem dominar não é integrado nem reforçado por sua experiência pessoal.” (HOLMGREN, p 77)

As entrevistas foram avaliadas como o melhor recurso para ouvir, estudar, analisar e, por fim, divulgar ideias, projetos e ações dos permacultores. Além do mais, as gravações despojadas e descontraídas, na própria casa dos entrevistados, remontam à práticas ancestrais de reprodução do conhecimento por transmissão oral, onde se exercita a verdadeira escuta, análise e troca de saberes.

O roteiro da entrevista foi surgindo concomitante a pesquisa bibliográfica, a qual tinha como eixo principal de orientação o livro de David Holmgren **Permacultura – princípios e caminhos além da sustentabilidade**, uma verdadeira bíblia que traz ponderações profundas nos âmbitos pessoal, social, econômico, ecológico, político, cultural, educacional e bem, tudo que tanja a vida humana e suas relações com os outros e o meio,

além de apresentar suas técnicas, princípios de design e éticos, zoneamento, setorização, fluxos e metodologias de forma mais exata. Ao longo do livro e de suas percepções, o próprio David sugere outros autores e pensadores para aprofundamento nas ideias apresentadas, como James Lovelock e Rachel Garson.

As falas trazidas pelos entrevistados partem de conclusões a partir de experiência. Tratam-se de três^{**} permacultores residentes nos arredores de Brasília, em 2015 realizei um curso de PDC²⁷ ministrado por Andrea Zimmermann, Fábio França (Toca da Coruja), Mônica Carapeços e Sérgio Pamplona (Sítio Nós na Teia), fato que contribuiu para a escolha desses facilitadores segundo o critério de renome e capacitação, melhor explanados a seguir.

Breve histórico e apresentação dos permacultores participantes do webdocumentário e seus respectivos sítios de atuação: Andrea é permacultora, geógrafa com mestrado em desenvolvimento sustentável. Desde que nasceu seu pai já era grande entusiasta na área da agroecologia, então desde a infância ela seguiu neste percurso, quando criança viveu a época da agricultura alternativa²⁸, participando das primeiras feiras de orgânicos – na época nem tinham esse nome, lembra Andrea. Sempre esteve muito atenta à movimentos ecológicos, e sua trajetória de vida e profissional é intimamente ligada à permacultura, agroecologia e projetos de sustentabilidade. Além disso, é sócia de uma empresa²⁹ que atua na promoção da sustentabilidade através de consultorias, capacitações, planejamento e gestão participativa. Junto à Andrea vive Fábio que infelizmente não pôde participar da entrevista mas requer apresentação de qualquer forma: estudou engenharia, fez mestrado voltando-se à área ambiental, trabalhando com políticas públicas; e, com muito conhecimento autodidata, participa do movimento *hacker* de Brasília, onde desenvolvem tecnologias livres. Mônica é permacultora, educadora e terapeuta, graduada em computação e mestre em informática educativa e EAD, além disso, na prática, foi co-fundadora da Ecovila Karaguatá; colaboradora na Estação de Permacultura Yvy Porã; atuou na coordenação da primeira edição do curso Educação Gaia Brasília, isso apenas para citar algumas de suas atuações mais diretamente ligadas à ecologia e permacultura, a lista de suas atribuições é longa... Sérgio Pamplona é

^{**} Inicialmente eram os quatro facilitadores mas por desencontro de agendas a participação de Fábio França não foi possível.

²⁷ O Curso de Design em Permacultura (em inglês *Permaculture Design Certificate course – PDC*) segue o currículo padrão desenvolvido por Bill Mollison mas cursos diferentes abordam aspectos diferentes e ganham acréscimos específicos de acordo com as demandas da região, por exemplo.

²⁸ Como o nome sugere, a agricultura alternativa é outra opção à agricultura tradicional a qual usa químicos e mecanização, a agricultura alternativa, por sua vez, dispensa essas práticas e proporciona conservação dos solos, fauna e flora.

²⁹ Matres Socioambiental.

arquiteto e sempre buscou uma vida sustentável fez parte da primeira equipe do IPEC³⁰, editor da Revista Permacultura Brasil, foi Presidente da Rede Brasileira de Permacultura e também atuou na coordenação e facilitação do curso Educação Gaia Brasília, além de outras formações e projetos que exerce.

Na pesquisa de campo foram visitadas três localidades, a primeira foi a Estação de Permacultura Toca da Coruja, localizada entre duas Áreas de Conservação: o Parque Nacional de Brasília e a Reserva da Contagem, Lago Oeste – DF. Trata-se de um lugar que se propõe a ser um espaço de educação, cursos, produção de alimentos orgânicos, experimentos de tecnologias livres³¹ e vida em comunidade, um espaço em que tudo o que eles façam possa servir pra compartilhar com outras pessoas pois acreditam na cultura da abundância, onde tudo o que produzem é abundante, inclusive experiências e conhecimento. A segunda localização foi a Comunidade-Escola de Permacultura Sítio Nós na Teia, localizada na Fazenda Taboquinha, Jardim Botânico – DF; ali, além de Mônica e Sérgio, moradores temporários realizam cursos, vivências, oficinas, visitas guiadas e eventos com a missão de “*Ser uma comunidade-escola de permacultura onde pessoas em busca de crescimento pessoal, trabalho pela Terra e vida em comunidade possam vivenciar, co-criar e difundir uma cultura de sustentabilidade, harmonia e autonomia no local e em redes*”³². Por fim visitamos a Ecovila Aldeia do Altiplano, localizada no Altiplano Leste – DF, lá acompanhamos um dia do PDC²⁶, ministrado pelos casais anteriormente mencionados, no qual Fabiana Pernereiro – engenheira agrônoma, mestra em Ciências Florestais e doutora em Educação e Ecologia Humana, pupila de Ernest Götsch³³ – instruiu uma aula sobre Sistemas Agro Florestais (SAF)³⁴.

Inicialmente, a ideia do webdocumentário idealizava entrevistar também outros dois espaços que até se conectam com alguns preceitos da permacultura e que, sem dúvidas, acrescentariam imensamente ao projeto mas à medida que a pesquisa se dava, seu corte foi cada vez mais delimitado a algumas minuciosas especificidades da permacultura, as quais deduzi que seriam plenamente desenvolvidas pelos entrevistados com propriedade devido suas respectivas experiências, atuações e estudos sobre o tema. A pesquisa direcionou-se a estudar a relação da permacultura com a sustentabilidade; o conceito de estruturas invisíveis e o potencial transformador dessa ciência integral. Além disso, logo na primeira entrevista

³⁰ Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado.

³¹ Desenvolvimento de técnicas e métodos alternativos aos convencionais para geração e armazenamento de energia, movimento que visa empoderamento e autossuficiência energética.

³² Missão do sítio apresentada em seu site, disponível na bibliografia.

³³ Agricultor e pesquisador suíço residente no Brasil, criador da agricultura sintrópica (técnica que trabalha para a recuperação de solo através de seu uso, recuperando micro-climas e água.)

³⁴ Sistema que organiza cultivo arbóreos, florestais e agrícolas, de forma sequencial e simultânea, promovendo benefícios ecológicos e econômicos.

gravada, com o casal permacultor Mônica e Sérgio, devido ao seu pleno domínio da temática, a entrevista finalizou com pouco mais de trinta minutos e, honestamente, com um grande sacrifício para cortes, pois as ideias foram apresentadas de forma muito clara, sucinta e plena. Por minha familiaridade com o casal Andrea e Fábio, presumi que seus depoimentos também seriam ricos e inteiros, o que infalivelmente aconteceu, mesmo que sem a presença de Fábio.

O roteiro da entrevista foi:

1 – Apresentação/ história do espaço; quais atividades são realizadas ali e porquê; breve história das pessoas e onde a permacultura entra nessa jornada;

2 – A permacultura é *mais* que sustentabilidade? Como? Por quê? (Seria pelos princípios éticos e de design?)

3 – Acessibilidade da permacultura: reflexão sobre *ter um PDC e agir permaculturalmente*.

4 – Considerações sobre permacultura e transformação/empoderamento pessoal/social;

5 – Os recursos invisíveis da permacultura no caminho da transição de um consumo ignorante para produção responsável (abordando o fato de a permacultura se apoiar em cultura de autoconfiança, de valores comunitários, da preservação de habilidades conceituais e práticas...) através de reintegração e comprometimento com os ciclos de produção e consumo;

Abastecida das palestras que foram esses encontros, senti que o webdocumentário já conseguiria, a partir de então, provocar intensas ponderações sobre as colocações apresentadas.

Paralelamente ao curso das gravações – não apenas entrevistas como imagens de cobertura e ensaios fotográficos – a pesquisa para enriquecer o site e desenvolver este memorial seguia com impetuosidade, bem como a exploração das ferramentas da plataforma web, *templates* e design de estrutura e aparência da mesma.

Quanto ao material audiovisual, foram usadas as câmeras Canon EOS 70D com lente 18-135mm e Canon EOS 6D com lentes 24mm, 28-135mm e 70-200mm algumas vezes com tripé, outras não, requerendo que em alguns momentos fossem estabilizadas no Premiere CC2015 e Premiere CC2017, únicos programas usados para edição dos vídeos e elaboração do ensaio fotográfico. Quanto ao áudio, houve um pequeno problema ao abri-lo no Premiere CC2017 pois este estava em formato .wav mas, ao convertê-lo no programa Format Factory para .mp4 o problema foi resolvido.

VII – DEFINIÇÃO E EXPOSIÇÃO DA ESTRUTURA DO WEBDOCUMENTÁRIO

Para o desenvolvimento do site alguns webdocumentários foram pesquisados a fim de buscar referências e perceber também o que não condizia com este produto. Quanto ao layout da página, um referencial importante foi o “Políticas Públicas, vidas privadas: um webdocumentário sobre a hanseníase no Brasil”³⁵ (imagem 1). Sua organização e simplicidade trouxeram clareza ao tema e à navegação, como as três divisões do menu bem objetivas e diretas. A seleção das cores atenta para a construção da temática que aborda desde fatos mais antigos até o panorama atual da doença no Brasil.



Imagem 1 - Políticas Públicas, vidas privadas: um webdocumentário sobre a hanseníase no Brasil.

Outra referência que trouxe características de design e *layout* semelhantes foi o “Flash Paralímpico: um webdocumentário sobre o contexto do esporte paralímpico no Distrito Federal”³⁶ (imagem 2). Seu *layout* apresenta cores mais vibrantes, se adequando ao tema de esportes que remetem à movimento, dinamismo, ação.

Ambos os webdocumentários referidos usaram a plataforma WIX.com que disponibiliza a plataforma e alguns *templates* gratuitos. Sua interface e mecanismos são ao mesmo tempo simples, fáceis de usar e limitados, provavelmente por ser o pacote gratuito.

³⁵ Webdocumentário de Étore Medeiros, produto de conclusão de curso na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

³⁶ Produto de conclusão de curso de jornalismo da Isabella Campedelli na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

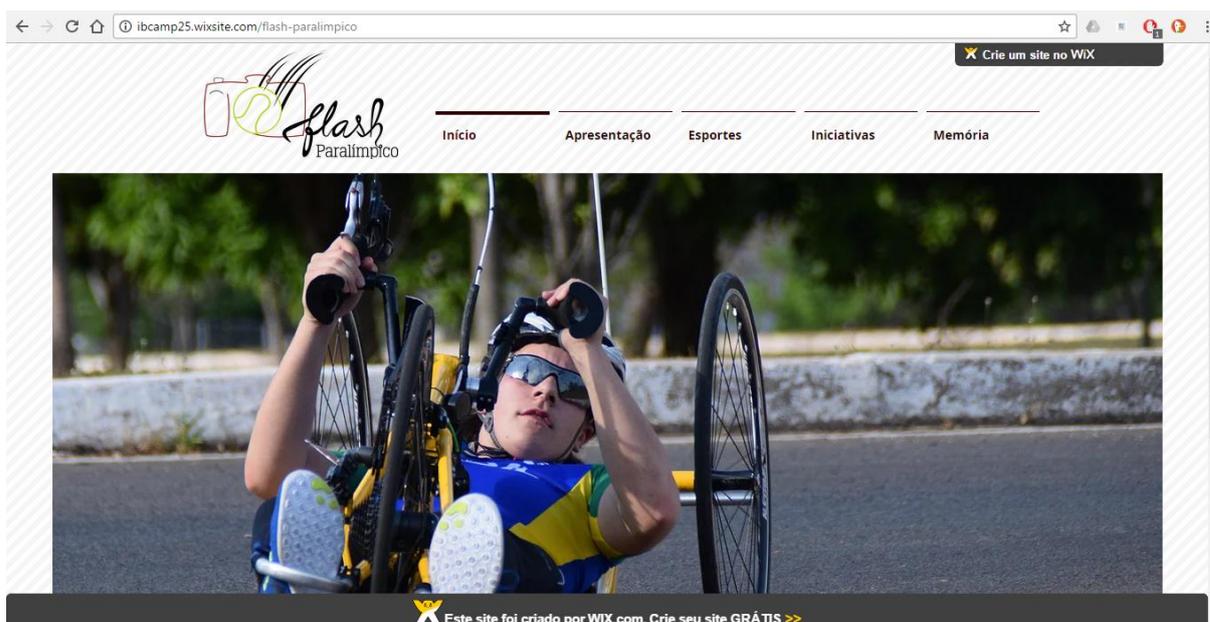


Imagem 2 – “Flash Parolímpico: um webdocumentário sobre o contexto do esporte paralímpico no Distrito Federal”

O webdocumentário “Sobre Fronteiras – Memórias de uma cidade piauiense”³⁷ (imagem 3) contribuiu por desenvolver a interação texto e imagem de forma bem acabada, mostrando a complementação que uma desses diferentes modos de expressão e explicação do tema, criando uma narrativa sequencial necessária para compreensão da história da cidade de Fronteiras – PI.



Imagem 3 - “Sobre Fronteiras – Memórias de uma cidade piauiense”

³⁷ Produto de conclusão de curso de Nívea Ribeiro na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Quanto à escolha de ensaio fotográfico e vídeos elucidativos, o webdocumentário francês “*Histoire d'œufs*”³⁸ trouxe excelente referência por mesclar essas mídias de forma muito bem elaborada, trazendo a presença do tema.

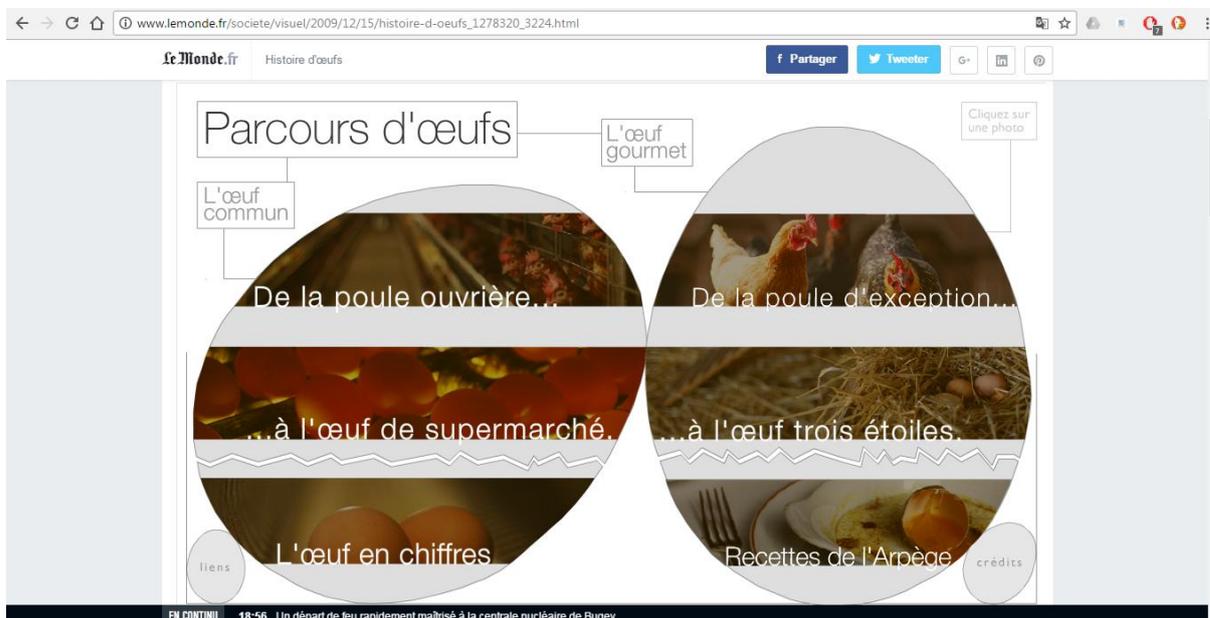


Imagem 4 – “Webdocumentaire : *Histoire d'œufs*”.

O primeiro elemento pensado para o webdocumentário “EKOBE” foi sua logo, que é a representação gráfica do produto: a flor da permacultura com tons de sépia (imagem 5). A partir desse tom desenvolveu-se a paleta de cores do webdocumentário. O tom de marrom para títulos e palavras de destaque e links foi escolhido por remeter à terra, ao solo, elemento muito considerado nas entrevistas e na temática permacultural como um todo.

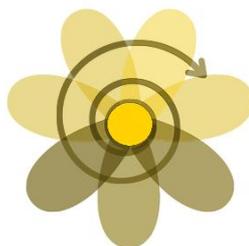


Imagem 5 - Flor da Permacultura em sépia, representação gráfica do produto.

O *background* é um grafismo Tupinambá (imagem 6) que simboliza borboleta, símbolo da metamorfose, que remete à proposta da permacultura: transformação dos paradigmas da sociedade atual.

³⁸ Produção, grafismo e reportagem de David Castello-Lopes.



Imagem 6 - Grafismo indígena Tupinambá que representa borboleta.

Os textos se apresentam essencialmente em cinza escuro, pois o preto trazia um peso não desejado à página. As demais cores seguem as dos princípios éticos e de design da permacultura. Paleta de cores:



Estrutura do webdocumentário:

- Home: nome do webdocumentário e sua representação gráfica;
- Apresentação: explicação do nome, introdução ao tema, apresentação do webdocumentário e link para a Flor da Permacultura;
 - Janela da Flor da Permacultura: explicação da flor e cada pétala abre uma nova janela para explicação da dimensão do tema que explica;
 - Janela “POSSE DA TERRA E COMUNIDADE”;
 - Janela “ECONOMIA E FINANÇAS”;
 - Janela “SAÚDE E BEM-ESTAR ESPIRITUAL”;
 - Janela “CULTURA E EDUCAÇÃO”
 - Janela “FERRAMENTAS E TECNOLOGIA”
 - Janela “ESPAÇO CONSTRUÍDO”
 - Janela “MANEJO DA TERRA E DA NATUREZA”;
- Princípios Éticos: breve explicação dos princípios éticos da permacultura em texto, vídeo explicativo e link para explanação do desenho;
 - Janela diagrama dinâmico dos princípios éticos;
- Princípios de Design: breve explicação do que se tratam os princípios de design da permacultura, ensaio fotográfico explicativo e link para visualização dos ícones

- Janela apresentação dinâmica dos ícones e provérbios dos princípios de design;
- Além da Sustentabilidade: vídeos com entrevistas dos permacultores e link para breve apresentação dos mesmos;
- Janela foto e breve apresentação de Andrea Zimmermann, Mônica Carapeços e Sérgio Pamplona;
- INFO: link para pdf deste memorial, links dos espaços que têm atuações semelhantes às abordadas no webdocumentário e espaço para contato;
- Janela pdf do memorial EKOBÉ.

VII.I – ESTRATÉGIA DE DIVULGAÇÃO E CONTINUIDADE DO SITE

O site será divulgado por *Facebook*, tanto na minha página pessoal como em grupos de discussão sobre agroecologia e permacultura. Os facilitadores do projeto também divulgarão o site para sua ampla margem de contatos e interessados.

Ainda não há definida uma proposta de continuidade do site, propostas estão sendo discutidas.

VIII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da graduação não me imaginava realizando o trabalho de conclusão de curso, não vislumbrava tema algum de pesquisa nem conseguia me imaginar tão interessada em algo a ponto de estudá-lo com tamanho afinco como o que apliquei aqui. Com o passar do tempo e com novas experiências passei a ambicionar tratar de um tema que fizesse sentido pra mim e que seu potencial fosse difundido, ainda mais por se tratar de um tema dificilmente tratado na academia e apesar de isso me chocar no início, com o tempo eu entendi o porquê. Para se ter uma noção de quão nova a permacultura é, o co-criador do conceito, David Holmgren, recebeu o primeiro doutorado honorário em permacultura pela *Central Queensland University* agora em Abril de 2017, além de ser uma homenagem mais do que merecida, o fato mostra a jovialidade desta ciência: 40 anos. Quatro décadas de estudos, design, práticas e transformações rumo a um estado de decrescimento energético e bem-viver.

Isso mostra o quanto é importante trazer pra academia esses saberes alternativos que muitas vezes não se inserem nela, não se prendem a uma grade ou a um currículo pré-determinado e fechados e que não há problema algum com isso, não implica em invalidar o conhecimento. Considero de extrema importância esse intercâmbio pois o ambiente de aprendizado da academia é muito precioso e acredito que deva ser ilimitado pois assim é o conhecimento, assim é nossa capacidade de aprender. E, se a universidade é o âmbito em que as pessoas adquirem poder – pois acredito que o bordão “conhecimento é poder” é sim verdadeiro –, então ela e a permacultura devem dialogar, pois elas podem somar uma à outra.

Saber o que é permacultura bem como experienciar a mesma é ainda um privilégio de poucos, por isso a escolha de divulgar os estudos e reflexões que desenvolvi na plataforma web, tendo em vista a sua disseminação e alcance. Ambiciosamente pensei em vários momentos ao longo do desenvolvimento deste produto e memorial: “imagina um grupo de pessoas, um agricultor, ou ainda alguém que se sinta perdido e sem a menor identificação com seu emprego ou estilo de vida, que esteja buscando uma forma de se empoderar, de criar, conhecer e se envolver com algo absolutamente novo e transformador, e que possa fazer isso junto a outras pessoas – pois não há qualquer restrição para aplicar essa ciência – então este produto chega até elas e era a faísca necessária para dar início a essa combustão fértil e fundamental?” se isso acontecer uma única vez já me contento imensamente mas ainda que não chegue à tudo isso – embora eu acredite que seja possível –, o simples e grandioso ato de

trocar, divulgar e permitir que essas reflexões sejam acessadas por mais pessoas já traz satisfação e sentimento de dever cumprido. Porque embora nunca tenhamos noção do quanto uma informação pode mudar as pessoas e suas vidas, essa variável está aí a todo momento, em qualquer lugar, pronta para ser acessada e agir de acordo com sua potencialidade, de acordo também com a abertura e receptividade de cada um.

IX – BIBLIOGRAFIA

“A história do movimento ambiental”. <http://ineam.com.br/a-historia-do-movimento-ambiental/> acessado em 29/06/2017

BOFF, Leonardo. **“Saber Cuidar: Ética do Humano”**. 2011, Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Ambiental/SABER%20CUIDAR-%C3%A9tica%20do%20humano.pdf> acesso em 22/05/2017.

GAUDENZI, Sandra. **“The Living Documentary: from representing reality to co-creating reality in digital interactive documentary”**. http://research.gold.ac.uk/7997/1/Cultural_thesis_Gaudenzi.pdf acessado em 30/04/2017.

CAMPEDELLI, Isabella. **“Flash Paralímpico: um webdocumentário sobre o contexto do esporte paralímpico no Distrito Federal”** disponível em <http://ibcamp25.wixsite.com/flash-paralimpico> acesso em 15/06/2017.

CARAPEÇOS, Mônica. **“Permacultura e Sociedade”**. <http://sitionosnateia.com.br/2017/05/permacultura-e-sociedade/> acessado em 29/05/2017.

CAPRA, Fritjof. 1992. **“O semeador de ideias – Fritjof Capra”**. 2011. Disponível em: <https://parcialidadedobem.wordpress.com/article/o-semeador-de-ideias-fritjof-capra-li7q13z9r3du-60/> acesso em: 13/06/2017.

CASTELO-LOPES, David. **“Histoire d’oeufs”** disponível em http://www.lemonde.fr/societe/visuel/2009/12/15/histoire-d-oeufs_1278320_3224.html acesso em 14/06/2017.

CASTRO, Edna. **“Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais”** in DIEGUES, Antonio Carlos (org.) Etnoconservação – novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos, Editora Hucitec Ltda, 2000.

Ernest Göstch. <http://agendagotsch.com/pt/ernst> acesso em 08/08/2017

HOLMGREN, David. **Permacultura: Princípios e caminhos para além da sustentabilidade.** Via Sapiens, 2013.

IPEC <http://www.ecocentro.org/> acesso em 06/06/2017.

IPOEMA <http://www.ipoema.org.br/> acessado última vez em 26/05/2017

MEDEIROS, Étore. **“Políticas Públicas, vidas privadas: um webdocumentário sobre a hanseníase no Brasil”** disponível em <http://projeto-hansen.wix.com/webdoc#!> Acesso em: 15/06/2017.

MELO, Cíntia. **“Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo”.**

<http://www.revistaecologico.com.br/materia.php?id=42&secao=553&mat=549> acessado em 30/05/2017

MOLLISON & HOLMGREN, Bill & David. **Permaculture One.** Australia, Transworld Publishers Pty Ltd. 1978.

NERY, Djalma. **“Por uma Permacultura morena e ecossocialista”.**

<http://outraspalavras.net/brasil/por-uma-permacultura-morena-e-ecossocialista/> acessado em 29/04/2017

PACETE, Luiz Gustavo. **“Misturar formatos permite uma nova narrativa do que já vemos na internet”, diz Marcelo Bauer”.**

http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/38365/misturar+formatos+permite+uma+nova+narrativa+do+que+ja+vemos+na+internet+diz+marcelo+bauer acessado em 30/04/2017.

“Permacultura e Arquitetura”. <http://equilibrium.org.br/ecopolo/permacultura-e-arquitetura/> acessado em 30/05/2016

RIBEIRO, Nívea. “**Sobre Fronteiras – Memórias de uma cidade piauiense**” disponível em: <http://fronteirasdoc.com/> acesso em 15/06/2017

SALLUM, Alexandre. “**A primavera silenciosa de Rachel Garson**”.
<http://revistaecologico.com.br/materia.php?id=42&secao=536&mat=565> acessado em 30/05/2017

SIVANANDA. <https://www.sivananda.org/teachings/swami-sivananda.html>

SMUTS, Jan. “**Holism and Evolution**”. 1927. Disponível em:
<https://archive.org/details/holismandevoluti032439mbp> acesso em: 31/05/2017

TZONIS, Stenio. “**Webdoc.com as a tool for idocs**”. 2011. Disponível em: <http://i-docs.org/2011/10/09/webdoc-com-as-a-tool-for-idocs/> acesso em: 28/03/2017.

WWF. “**Relatório Planeta Vivo 2006**”. 2006. Disponível em:
http://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/wwf_brasil_planeta_vivo_2006.pdf
Acesso em: 28/03/2017.